

Estratégia para rolagem da dívida vai mudar

Governo espera o resultado do leilão do BC hoje para definir renegociação no curto prazo

SORAYA DE ALENCAR
e LUAKO OTTA

BRASÍLIA - O secretário do Tesouro Nacional, Eduardo Guimarães, anunciou ontem que o governo vai definir uma nova estratégia para a rolagem da dívida interna no curto prazo. Essa decisão deverá ser tomada depois de uma análise sobre os resultados do leilão que o Banco Central realiza hoje. Nesse leilão, o governo vai recorrer a papéis pós-fixados na tentativa de balizar as taxas de juros. Ou seja, conter as exigências do mercado por taxas altas. "Com os papéis pós-fixados o Banco Central quer forçar a queda das taxas", afirmou uma fonte do BC.

COM PAPEIS PÓS-FIXADOS, BC QUER FORÇAR QUEDA DE JUROS

A expectativa do governo é que o mercado absorva, integralmente, a oferta de R\$ 13 bilhões em Letras do Banco Central (LBCs). O secretário do Tesouro reconheceu, no entanto, que, a partir do leilão de papéis pós-fixados, o mercado pode perder o interesse pelos títulos prefixados.

"Os títulos prefixados podem perder a atratividade para certo tipo de comprador", afirmou. Guimarães insistiu, entretanto, que a redução para 35 dias no prazo de rolagem da dívida mobiliária será "temporária". Antes da instabilidade das duas últimas semanas, o governo vinha colocando papéis de três, seis e 12 meses.

Na avaliação de Guimarães, o mercado já está receptivo às ofertas de papéis do governo. Ele lembrou que, na terça-feira, quando o Tesouro Nacional ven-

deu um total de R\$ 2 bilhões em Letras do Tesouro Nacional (LTNs), com prazo de resgate de 35 dias, a demanda era por R\$ 13 bilhões. "A aceitação foi forte", destacou. A taxa média dos papéis ficou em 22,23%.

Segundo fontes do BC, no entanto, a expressiva demanda por títulos faz parte da estratégia que o banco montou ao ofertar dinheiro ao mercado, como fez nas duas últimas semanas. "Botamos dinheiro para tirar em títulos e segurar as taxas", afirmou uma dessas fontes.

Assustado com a crise na Rússia e com fatos internos - como a queda do presidente Fernando Henrique Cardoso nas pesquisas eleitorais e, ainda, com o desempenho fiscal do setor público -, o mercado tem travado uma queda-de-braco com o governo. Na opinião do secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, "o tumulto era uma situação vigente alguns dias atrás".

Depois de divulgar o superávit primário do governo central de R\$ 2,2 bilhões em março, Bier rejeitou a proposta de alguns economistas para a equipe econômica, de divulgar metas fiscais para aliviar as tensões do mercado. "O mercado é absolutamente volátil", afirmou.

Bier destacou, ainda, que o superávit do primeiro trimestre é uma indicação de bom resultado. E anunciou que "o resultado continuará bom em abril". Mas afirmou que o alvo do governo no gerenciamento da situação fiscal continuará sendo a questão estrutural.

O secretário de Política Econômica rechaçou a hipótese de adoção de um novo conjunto de medidas fiscais. Mas outras fontes do governo não têm afastado a possibilidade de lançar mão de medidas isoladas.